

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : 06/06

CLASS. : Terra / Dumail.

DATA : 29 12 90

PG. : 06

183

Degradação nas áreas indígenas

EDÍVIO BATTISTELLI, CRISTINA NAGATA e SANDRA AIRES

Em cada ciclo de exploração no Brasil, seja madeira, fumo, café, cacau, ouro e pedras, além da visão xa no horizonte que levava ao lém-mar, a história de exploração dos recursos naturais caracterizou-se pela sistemática agressão ao meio ambiente. Sob o aspecto humano, cada desbravamento de fronteiras representava redução do território indígena, sem esquecer as longas trilhas de crimes praticados contra os aborígenes.

Depois de quase 500 anos de exploração econômica e transformação material e cultural, os diferentes grupos indígenas sobreviventes apenas podem ser estudados conforme apreciações específicas de distintas realidades. Trata-se de tarefas para antropólogos ou historiadores determinar o maior ou menor grau de aculturação e manutenção ou não de usos e costumes imemoriais.

No entanto, abstraindo-se da problemática no âmbito nacional e localizando-se a questão em termos de Sul-Sudeste, sem dúvida vamos ao encontro de pontos consensuais que podem significar a sobrevivência e desenvolvimento de mais de 23 mil índios que vivem na região.

A réplica de noticiários dos meios de comunicação onde a tônica recai sobre crimes, assaltos e seqüestros, sempre é notícia a retirada de madeiras de áreas indígenas, de arrendamentos e de violações ao meio ambiente. Ao fechar a matéria, descobre-se o vilão: a Funai. Em

geral, a opinião pública tem idéia de que é grande a degradação ambiental nas terras indígenas.

Nos Estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e interior de São Paulo, a colonização, organizada em bases agropecuárias e extrativistas, substituiu os elementos e propriedades do meio ambiente original por componentes desarticuladores do processo natural de evolução. O desmatamento, o uso intensivo e irracional do solo e, a partir da década de 60, o uso de agentes tóxicos contribuíram ainda mais no processo de degradação ambiental, apesar de existirem, ainda, matas naturais nas reservas indígenas desses Estados.

Em relação aos indígenas, a forma de ocupação predatória provocou o aumento de doenças, desarticulação na produção de alimentos para subsistência, desagregação social e impediu o acesso a um meio ambiente melhor qualitativa e quantitativamente.

A mesma sociedade que prega hoje a integridade ambiental das terras indígenas sacramenta a omissão no processo histórico de ocupação regional, e peca por ser o principal responsável pela degradação das áreas reservadas aos índios, bem como pela drástica redução dos territórios indígenas. É para completar, o estrangulamento das áreas de perambulação ocasiona hoje mais um problema em reservas do Sul e Sudeste: a população indígena, cujo índice

de natalidade atual quase dobra em comparação ao da sociedade envolvente, aumenta cada vez mais, reduzindo, em contrapartida, o espaço já exíguo.

O panorama ambiental apresentado hoje em várias áreas indígenas é de degradação: rios contaminados, solo sem cobertura vegetal, mananciais desprotegidos, terras ácidas necessitadas de calagem, poluição por agrotóxicos, enfim, fauna e flora comprometidas.

Hoje, mais do que a apresentação de teses douradas de ideologia e eivadas de ciência, trata-se de assegurar ao índio o prosaico direito de comer. Nesse sentido, urge viabilizar um meio ambiente produtivo, equilibrado ecológicamente, essencial para a harmonia numa população indígena em crescimento, e torná-la possível através da reconstrução ambiental e de incentivos para que os recursos naturais constituam fontes financeiras, além de manter uma política de recuperação destas terras.

Seria demasiada pretensão atribuir somente à Funai a tarefa de resolver os problemas de degradação do meio ambiente em terras indígenas. Aliás, seria excelente ocasião para a sociedade ajudar de modo concreto as comunidades indígenas, reduzidas hoje em gênero e número, em nome do chamado progresso da civilização branca.

Edívio Battistelli é engenheiro agrônomo e atual Superintendente-Geral da Funai em Brasília; Cristina Nagata é engenheira florestal da Funai em Curitiba; e Sandra Aires é geógrafa da Funai em Curitiba.